

5ª PARTE

Transcrições

JOSÉ SARNEY, O CEARÁ E A GERAÇÃO DE 45 (*)

Artur Eduardo Benevides

(Publicamos a seguir o discurso proferido por Artur Eduardo Benevides na Casa do Ceará, em Brasília, no lançamento de seu livro, com a presença do Presidente José Sarney.)

Profundamente marcada pelas duas guerras mundiais do nosso século e sofrendo os efeitos da ditadura estadonovista, tendo ainda a difícil missão de ocupar os espaços deixados pelos modernistas de 22, após o êxito do Romance de 30 e a extraordinária poesia de Schimidt e de Vinicius de Moraes, a Geração de 45, a que pertencem muitos aqui teve excelente desempenho histórico, revitalizando a linguagem literária e os temas eternos, além de valorizar certas formas de realização artística injustamente condenadas durante a Semana de Arte Moderna. E surgiram os grupos regionais, que procuraram exprimir-se com seriedade e beleza conteudística e formal, levando a poesia de volta ao universal. Entre esses, destacavam-se, por sua ação renovadora, o Grupo Ilha, do Maranhão, sob a liderança de José Sarney, e Bandeira Tribuzzi, e o Grupo Clã, de Fortaleza, de que fui um dos fundadores. Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena, ensinava Fernando Pessoa. E cremos que a nossa missão, decorridos mais de 40 anos, foi amplamente satisfatória.

Por isso mesmo, com grande alegria tenho ao meu lado, neste lançamento patrocinado pela Casa do Ceará, em benefício das obras sociais comandadas pelo espírito generoso de Mary Calmon, um querido companheiro de lutas em prol da cultura brasileira — José Sarney. Já tive o prazer de manifestar minha opinião sobre sua poesia e sua ficção em que se fundem, harmoniosamente, as cousas místicas, o universal e o regional profundo. O seu livro de contos — *O Norte das Águas* — foi apresentado por mim no Ideal Clube de Fortaleza, por solicitação do nosso inesquecível Edson Queiroz. E o que mais destaque nesse fraterno amigo, pela graça de Deus Presidente da República, é a sua fidelidade aos ideais que iluminaram a sua juventude, sendo até hoje, na viagem da vida, um passageiro de seu próprio sonho.

(*) Discurso proferido por ocasião do lançamento do livro *Canto de Amor ao Ceará*, na "Casa do Ceará" de Brasília.

Fico extremamente feliz também, em poder registrar a presença de outros excelentes companheiros de geração: o poeta e ensaísta Domingos Carvalho da Silva, o romancista e crítico Almeida Fischer, os poetas Fernando Mendes Viana, José Helder de Souza, Anderson Braga Horta e José Santiago Naud, além dos mais novos, como é o caso de Aglaeda Facó e Beatriz Alcântara. A Beatriz, uma das inspiradas do Grupo Seara de Literatura, em Fortaleza, agradeço as palavras com que me apresentou, com a lucidez de sua inteligência e a agudeza de seu senso crítico.

Outros amigos vieram: o Governador José Aparecido; os Ministros Henrique Sabóia e Vicente Fialho; o Senador Luiz Viana Filho; o Senador Virgílio Távora, uma das figuras marcantes da política cearense; o Ministro Jesus Costa Lima; o meu caro conterrâneo Paulo Cabral de Araújo, O Senador Marcondes Benevides Gadelha, do glorioso ramo de nossa família na Paraíba; o Senador Cid Sabóia de Carvalho, meu colega de Academia; os jornalistas Frota Neto, Wilson Ibiapina e Lustosa da Costa; e o Senador Mauro Benevides, sobrinho e amigo diletíssimo, que encarna, na elegância de suas atitudes, as grandes virtudes do velho PSD de Tancredo e Juscelino. Registro também com prazer a presença dos Deputados Lúcio Alcântara, meu colega de Academia, Bezerra de Melo, César Cals Neto, Carlos Virgílio, Mauro Sampaio, Luiz Marques, Raimundo Bezerra, Carrel Benevides e Carlos Benevides Neto, uma das inteligências moças da Constituinte, além de tantos cearenses ilustres da numerosa Colônia de Brasília.

Mas esta festa é sobretudo uma homenagem ao Ceará, que espande na História como o coração literário do Brasil, no julgamento de Ascendino Leite. E, à sua vida, à sua beleza, aos seus mitos e aos seus heróis anônimos ofertei poemas que Martins Filho mandou reunir em livro, à época de minha eleição para Príncipe dos Poetas Cearenses. Neles fujo um pouco à linha lírico-metafísica da maioria dos meus versos, mas as cousas telúricas também me fascina, como fascinam a José Sarney, a quem dediquei toda a coletânea; a Domingos Carvalho da Silva, que ainda recentemente evocou, em belo poema, a sua inesquecível Vila Nova de Gaia, em Portugal; a José Santiago Naud, com o expressivo Canto intitulado Pedra Azteca; a Fernando Mendes Viana; a Almeida Fischer e a outros colegas aqui presentes.

Alguns poemas do livro mereceram, ao longo do tempo, destaque especial: a “Elegia Cearense” tem sido tema de vestibular. O “Cântico dos Cânticos”, sobre o sertão, serviu recentemente de base a um curso ministrado na Universidade de Fortaleza e está sendo traduzido na Alemanha Ocidental.

Como o título diz, é um canto de amor ao Ceará. E creio não deslustrar, mesmo quando me exercito nas formas estróficas da poesia popular, o comportamento estático-filosófico da Geração de 45, que preferiu sempre os motivos essenciais e presentes. Se bem pensarmos, porém, e como disse Augusto Meyer — tudo é poema, cabendo-nos somente, pela palavra, transfigurar os seres e as cousas. Afinal, se poesia é aquela matemática inspirada de que nos falava Ezra Pound, devemos multiplicá-la pelo amor e dividi-la pela adoração, na soma

invisível das cousas que engrandecem a alma. E repetiríamos Rodenbach: “Felizes os poetas e escritores que conservam sua terra no coração”.

Meus amigos:

Sílvio Júlio, pernambucano que viveu muitos anos em Fortaleza, escreveu que a terra e o povo cearenses constituem verdadeira escola nacional. Melhor diríamos, talvez: uma oficina sensível, a vibrar, criadoramente, em benefício do Brasil, mesmo castigada pelo drama secular dos verões inclementes, que reavivam, de certa forma, o mito de Sísifo e a grande saga da diáspora e do êxodo bíblico. Por isso mesmo, mais do que um pedaço de chão o Ceará é uma consciência e um estado de espírito. Muito mais poesia do que geografia, é em todos nós uma grande canção. E nada me orgulha mais do que ser cearense.

A todos, sobretudo ao nosso eminente Presidente, aos senhores Constituintes e aos Escritores, o meu reconhecimento. À Casa do Ceará — milagre de esperança no solitário esplendor deste planalto a minha gratidão, na pessoa boníssima de Mary Calmon, Beatriz Alcântara e José Helder de Souza.

Voltarei feliz para Fortaleza, a fim de continuar a lutar, indormidamente, pelos ideais de cultura, decorrentes da palpitação do espírito humanístico, procurando ser um poeta e um escritor fiel ao meu tempo, mas muito mais fiel ao eterno, que é feito da solidão infinita da beleza, do mármore dos sonhos e da verdade dos mistérios e cousas transcendentais. E tentar contemplá-lo, sem perder a fruição de sua intérmina grandeza, é a missão dos artistas e dos poetas, pois só através das letras e das artes, servidas pelo espírito romântico, como lembrava Fitzgerald, poderemos captar sua face no espaço e no tempo, entre o sagrado e o profano. Daí, talvez, Machado de Assis haver afirmado que, um dia, quando já houver desaparecido o Império Britânico, ainda haverá Shakespeare...

Deus nos abençoe por esta homenagem, por esta noite, por este encontro...